



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOSÉ CARLOS**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: **Talhaba** — Lisboa • Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

ANO III — N.º 840

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 5 CENTAVOS

Quinta-feira, 18 de Agosto de 1921

A GREVE DOS SERVIÇOS

como protesto contra a adopção do livrete e cartões de identidade

Respondendo à convocação feita em manifestos e por intermédio da imprensa, todos os serviços, criados e criadas de restaurantes, cafés, hotéis e casas particulares, culinários e artes correlativas, compareceram à assembleia magna convocada para as 22 horas, na sede social, e com o objectivo que um manifesto previamente distribuído à classe deste modo expunha:

Continua o governador civil de Lisboa, o sr. Lello Portela, a exercer contra a nossa classe uma perseguição sem justificação possível, sem outro intuito que não seja uma manifestação manifestamente contra os que trabalham.

Não quer o governador civil que a classe dos serviços se defenda dum atentado contra a sua honra no intuito de angariar por esse meio, mais alguns escudos, arrancados à nossa magra bolsa.

Apesar do sr. Lello Portela ter declarado que os empregados de hotéis e restaurantes ficariam sujeitos do livrete, o facto é que no relatório regulamento publicado no Diário do Governo, continham estas palavras: «...a fim de evitar a circulação de falsos cartões de identidade, querendo depois justificar a existência de um regulamento vexatório, tal é a sua intenção...»

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

Perante estes atentados contra a nossa dignidade, contra a honra das mulheres e contra as nossas liberdades de cidadãos de um país que se diz livre, não nos dá o direito de desconfiar sempre da sua sinceridade.

da maior excitação das classes ali reunidas, foi lida na mesa a seguinte proclamação de greve:

Considerando que as classes aqui hoje reunidas constatarem a inutilidade das pacíficas manifestações de protesto contra o livrete que humilhantemente o sr. governador civil nos quer impor;

Considerando que o sr. governador civil, vendo falhar a lógica e a argumentação para conseguir impor umas condições de trabalho que os seus escravos podem aceitar, encetou já o processo da violência, procurando assim fazer aceitar pela força o que não consegue pela lógica;

Considerando ainda que tem sido numerosos os protestos tanto da parte dos nossos companheiros, como até da classe patronal, que nos dá o seu apoio;

As associações de classe dos Empregados de Hotéis e Restaurantes, Profissionais Culinários, Criados de Mesa e Empregados Domésticos de Hotéis e Casas Particulares, reunidas em sessão magna, resolvem:

1.º A partir de hoje, 17 de Agosto, pela meia noite, suspender o trabalho, em sinal de protesto, não se retomando o trabalho sem que o regulamento do livrete seja revogado.

2.º Não retomar o trabalho sem ordem do Comité e acatar rigorosamente as suas determinações.

A leitura desta moção foi rematada com uma estrondosa salva de palmas sendo interrompido os vivos à greve e os protestos contra o livrete, inflamando e dispersando a assistência tomada do mais ardente entusiasmo salientando-se na exaltação e na firmeza as mulheres.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

Assim, a greve dos serviços de hotéis, restaurantes e casas particulares, culinários e artes correlativas, começou a ser praticada em Lisboa, a partir das 22 horas, de ontem.

A INTERNACIONAL VERMELHA

Apelo aos sindicalistas revolucionários de todos os países

Em nome dum certo grupo de delegados ao Congresso da Internacional Sindicalista foi dirigido aos sindicalistas revolucionários de todos os países o seguinte apelo:

«Foi constituída a Internacional dos sindicatos vermelhos. De hoje em diante em volta dela se agruparão as organizações sindicais do mundo inteiro, que estejam prontas a provocar o desabamento do mundo capitalista.

Nós, sindicalistas revolucionários, viemos a Moscú para defendermos os nossos princípios no congresso organizador da Internacional sindicalista vermelha.

Mas a nossa corrente não foi a mais forte. As organizações sindicais da Europa central não se identificaram completamente com o nosso sindicalismo. No entanto, é um alto valor revolucionário a sua característica. O proletariado russo, alemão, húngaro iugoslavo e checoslovaco possui brilhantes páginas de história revolucionária. Uma diferente interpretação de certos aspectos da luta nos separa, mas estamos unidos pelo mesmo ardor revolucionário e pela mesma fé no triunfo do proletariado.

A divisão dos sindicatos revolucionários em duas Internacionais seria um crime contra o proletariado universal e os seus esforços ficariam impotentes perante a coligação da burguesia e da Internacional amarela de Amsterdam.

A formação da frente única impõe-se no momento em que a sociedade capitalista está fortemente abalada nos seus fundamentos.

A constituição da Internacional Sindicalista Vermelha é um acontecimento da mais alta importância; significa a coesão total dos trabalhadores, que lutam pela sua emancipação definitiva.

Os quinze milhões de operários que se agrupam já sob a bandeira da Internacional da revolução, verão aumentar o número do grande exército proletário, que deve travar as batalhas decisivas.

A Internacional Sindicalista Vermelha constitui sob a protecção da Internacional Comunista marcou como fim imediato o entendimento de todas as forças sinceramente revolucionárias para a formação do grande bloco da revolução.

A sua autonomia pode ser respeitada, sua independência afirmada pela adesão de todos os grupos revolucionários.

Fica entendido que todas as decisões do congresso não nos satisfizeram, e que tivemos de fazer concessões mútuas. Todavia, julgamos indispensável conservar-nos no seio da Internacional Sindicalista, e reforçá-la se quisermos fazer obra realmente revolucionária. Eis por que lançamos este apelo aos sindicalistas revolucionários de todos os países que não aderiram, para que se conservem na Internacional com a firme vontade de defender os nossos princípios, e de contribuir para o triunfo da revolução social em todos os países.

Assinado
Confederação geral de trabalhadores (México) Ramirez.
Confederação nacional de trabajo de España, Andres.
Henri Sirolle, delegado sindicalista francês.
Unione sindacale italiana, Giulio Mari.
Nederlandsche Federatie van Transportarbeiders, Posthumus (Holanda).
National Arbeids - Secretariat in Nederland, Bowman (Holanda).
Jorge Andreichine, delegação americana.
Tom Mann, delegação inglesa.

Trabalhadores. Lede e propague a BATALHA

NA ALEMANHA

Desinteligências entre os comunistas

Parece que, apesar das instruções do comité executivo da Internacional Comunista, o partido comunista operário da Alemanha (K. A. P. D.) não se mostra disposto a entrar em entendimentos com o partido comunista unificado alemão (o V. K. P. D.).

Os artigos do «Komunistische Arbeiterzeitung» e da «Rote Fahne», os órgãos, respectivamente, deste dois partidos, contradizem-se entre si, e a «Rote Fahne» até algumas vezes comigo mesmo em contradições.

Quando Moscú ordenou ao partido comunista operário da Alemanha que se fundisse com o partido unificado, este respondeu-lhe imediatamente, anunciando a sua saída da Terceira Internacional, mas depois do último congresso, o novo comité executivo, considerando sobre o assunto, resolveu conceder-lhe dois meses para tomar tal decisão e consentindo também que durante este tempo o seu delegado participasse no comité executivo com voto consultivo.

Todavia, apesar desta concessão, a linguagem dos dois jornais acima referidos parece dar a entender que os ordens de Moscú não serão atendidos ainda desta vez pelo partido comunista operário da Alemanha.

No Congresso da Internacional Sindicalista

O discurso de Tom Mann

Depois do relatório de Rosmes, Tom Mann tomou a palavra:

«Resta-me acrescentar algumas palavras à do camarada Rosmer. O primeiro ponto que convém aclarar, é o de saber porque nos devemos preocupar com a formação duma Internacional? A resposta a esta pergunta é que os operários devem coordenar a sua acção num plano internacional, a exemplo da burguesia, que já o fez há muito tempo.

«Cada operário sabe que os interesses dos patrões são inteiramente opostos aos interesses de toda a classe operária do mundo. O traço distintivo do regime comunista é o seu carácter internacional.

«O facto de que um tempo dos sindicatos ingleses se conserva partidário da Internacional de Amsterdam, traz-nos à mente a pergunta: Quais são os fins desta Internacional? Amsterdam e as suas uniões possuem a melhor «mão de obra», donde os capitalistas reírham os melhores lucros. As perspectivas revolucionárias da classe faltam-lhe necessariamente. Foi a consciência da necessidade duma outra perspectiva, assim como a vontade de destruir o actual regime económico, que levaram os elementos avançados da classe operária a procurarem um agrupamento internacional vermelho. A nova Internacional não se apoia nem sobre os partidos operários conservadores, nem sobre a acção parlamentar.

«A destruição do parlamentarismo e da base capitalista da sociedade, eis o fim da Internacional sindicalista vermelha. Não se poderá atingir isto, senão por meio duma união estreita com a Internacional Comunista. Os operários ingleses começam a desconfiar dos burocratas sindicais, acolitos da burguesia; recompensados pelo rei e cobertos de elogios pelos patrões. A experiência alguns meses de existência da Internacional sindicalista vermelha demonstrou que nos outros países as coisas se apresentam da mesma forma. A Internacional sindicalista vermelha é o estado maior revolucionário da classe operária. Sob a sua direcção as forças do proletariado crescerão, e obteremos a vitória pelos meios revolucionários.

Sobre este mesmo assunto, Orlandis (Espanha) expôs o que se segue:

«Somos partidários da independência da Internacional sindicalista vermelha, apesar de que, desde o princípio aderimos a Moscú e não a Amsterdam. Nada temos a dizer contra os laços morais que nos unem à Internacional comunista, mas exigimos que ela nos trate de igual modo. A Internacional comunista é hoje revolucionária, mas a Segunda Internacional também se proclamou revolucionária, e isso não impediu de se tornar oportunista. Não tendo garantia alguma de que esta Internacional comunista não se desvie do seu caminho revolucionário, não dizemos: é preciso prestar atenção antes de se ligar ao partido político. Só uma organização operária, só a classe operária poderá derrubar a sociedade capitalista. Eis porque defendemos a ideia da nossa independência. Quanto ao resto, toda a nossa delegação faz seus desejos de Rosmer e de Mann, relativamente a uma ligação com a Internacional comunista. Embora reclamando a independência no interior da nossa organização, marcharemos de mão dada com a Internacional comunista contra o nosso inimigo comum — o regime capitalista.»

Tribunal do C. E. P.

Réu que se condena a si próprio

Reúne o tribunal militar do C. E. P. para julgamento do soldado n.º 299, da 4.ª companhia do regimento de infantaria 14, Joaquim Trindade, acusado de ter furtado, em França, objectos no valor de cinco escudos.

Depois do defensor ter lido a contestação negando o crime de que o réu era acusado, foi este interrogado pelo juiz auditor. Aquelle, ante o espartaco geral, confessou não só o roubo, mas ainda o delicto de deserção, a que o auto não se refere.

Em virtude desta declaração, o presidente do tribunal suspendeu a audiência e mandou levantar auto da notícia do novo crime, auto que foi enviado ao quartel geral da 1.ª divisão do exército.

TRABALHADORES, LEDE A NOVELA VERMELHA

O congresso internacional dos operários metalúrgicos

O congresso internacional dos operários metalúrgicos realizado na Suíça aprovou uma moção de protesto contra a política do governo húngaro.

Repetiu uma proposta de Merheim, preconizando a admissão dos operários russos na união internacional dos operários metalúrgicos.

O congresso protestou contra a recusa do governo suíço de visar os passaportes dos delegados russos, confirmando a resolução de não poderem ser admitidos na União Internacional dos Operários Metalúrgicos as uniões aderentes à Terceira Internacional.

No final, reclamou a aplicação integral da semana de 48 horas.

INTELLECTUAIS, LEDE A NOVELA VERMELHA

As acusações não foram provadas — diz Manuel Afonso

Manuel Afonso afirma que as acusações a C. G. T. e respectivo comité não foram provadas.

A única coisa que se provou é que imperava o puritanismo anarquista. Assim é, de facto. Se não fosse esse puritanismo anarquista não teria havido da parte do Conselho a tolerância para se ouvir tantas acusações falsas e tantos insultos. Só uma pessoa que não tem honestidade de processos, pode vir afirmar que o secretário geral da C. G. T. não tinha apresentado Norte, quando contava da sua ida ao Norte, quando Joaquim Cardoso tinha obrigação de saber que esse relatório e contas tinham sido apresentados. Comparou-se ontem os elementos da organização operária portuguesa com Gompers, Jouhaux e Vandervelde, quando esses homens não são militantes operários mas sim elementos políticos. Chama-se puritanos anarquistas aos militantes da C. G. T.; pergunta como se pode comparar esse puritanismo ao social-democratismo desses homens.

Joaquim Cardoso atacou a Batalha, esquecendo-se que os organismos operários devem à C. G. T. cerca de 15 contos, o que representa meia dúzia de contos a menos na administração da Batalha. Solidariza-se absolutamente com os artigos da Batalha. O critério da Batalha tem mantido sindicalista revolucionário.

A Batalha ainda não trahi a sua missão. A tolerância tem limites. O Conselho tem sido tolerante até demais. Esperamos alguns militantes à cadeia. Joaquim Cardoso gastou três horas e meia e não disse nada. Em três horas e meia o orador teve a impressão de que estava ouvindo um gramofone com o mesmo disco.

Cardoso disse que a C. G. T. não só não fazia nada como não deixava fazer aos organismos aderentes, principalmente

A organização operária e os seus detractores

O Conselho Confederal aprecia as insinuações feitas por Joaquim Cardoso a alguns militantes operários, e as suas acusações caluniosas á C. G. T. e á «A Batalha»

A reunião decorre ruidosa e prosseguia às três horas da manhã

Proseguindo a reunião do Conselho Central para deliberação sobre o procedimento a adoptar para os detractores da organização operária N.º 2, da U. S. O. de Evora diz que, pelas palavras de Carlos Araújo e Joaquim Cardoso, teve a impressão de que se queria arrastar a U. S. O. de Evora para o partido comunista. Diz que o ofício enviado para Evora, pelo Comité, dizendo que os delegados da U. S. O. de Evora não defendiam o critério assente no Congresso de Coimbra, era uma insinuação àquele organismo para que fossem irradiados.

Carlos Araújo diz que se pretende correr com os comunistas da organização operária.

Essas palavras provocam grande confusão durante alguns minutos.

O orador lê o ofício que enviou a Joaquim Nogueira. Com a leitura desse ofício termina as suas considerações.

Joaquim Cardoso não acusa; só insinua

Jerónimo de Sousa pede ao público que assista calma e serenidade. Diz-se que havia acusações graves a fazer e afinal só se fizeram insinuações. Foram alguns camaradas acusados, por simples declarações de alguns delegados, verificando-se que não havia razão para tais acusações. Só tem visto luz a pessoal. Joaquim Cardoso apresentou-se papéis sem sete indivíduos a acusar e nada mais disse. A organização não pode perder tempo com estas coisas, tendo tantas outras a tratar. Carlos Araújo mentiu e obrigou outros a mentir.

Numa reunião de delegados da U. S. O. para apreciar a nota do Comité da C. G. T., ela não foi reprovada, porém Carlos Araújo induziu Eduardo Jorge a escrever à Confederação, dizendo que a U. S. O. de Lisboa repudiava a nota, quando não é verdade.

Manuel Afonso lê o referido ofício onde se diz que a U. S. O. de Lisboa repudia o conteúdo da nota oficiosa do Comité.

Carlos Araújo exclama: De regeitar o conteúdo da nota a regeitá-la por completo vai uma grande distância. (Riso geral).

Jerónimo de Sousa continuando diz que se sentou ao lado de Cardoso e Carlos de Araújo contra os partidos políticos. Hoje devido à sua atitude, não sabe se deverá sentar-se junto deles.

Em seguida Neto, de Evora, diz que entre os rudes trabalhadores nunca viu a desmoralização que veio encontrar em Lisboa.

Jerónimo de Sousa diz que se sentara ao lado de Vitor Martins e de Joaquim Cardoso no Congresso de Tomar, quando estes defendiam a organização operária contra os partidos políticos. Hoje, repete, não sabe se poderá continuar a sentar-se ao lado desses camaradas.

As acusações não foram provadas — diz Manuel Afonso

Manuel Afonso afirma que as acusações a C. G. T. e respectivo comité não foram provadas.

A única coisa que se provou é que imperava o puritanismo anarquista. Assim é, de facto. Se não fosse esse puritanismo anarquista não teria havido da parte do Conselho a tolerância para se ouvir tantas acusações falsas e tantos insultos. Só uma pessoa que não tem honestidade de processos, pode vir afirmar que o secretário geral da C. G. T. não tinha apresentado Norte, quando contava da sua ida ao Norte, quando Joaquim Cardoso tinha obrigação de saber que esse relatório e contas tinham sido apresentados. Comparou-se ontem os elementos da organização operária portuguesa com Gompers, Jouhaux e Vandervelde, quando esses homens não são militantes operários mas sim elementos políticos. Chama-se puritanos anarquistas aos militantes da C. G. T.; pergunta como se pode comparar esse puritanismo ao social-democratismo desses homens.

Joaquim Cardoso atacou a Batalha, esquecendo-se que os organismos operários devem à C. G. T. cerca de 15 contos, o que representa meia dúzia de contos a menos na administração da Batalha. Solidariza-se absolutamente com os artigos da Batalha. O critério da Batalha tem mantido sindicalista revolucionário.

A Batalha ainda não trahi a sua missão. A tolerância tem limites. O Conselho tem sido tolerante até demais. Esperamos alguns militantes à cadeia. Joaquim Cardoso gastou três horas e meia e não disse nada. Em três horas e meia o orador teve a impressão de que estava ouvindo um gramofone com o mesmo disco.

Cardoso disse que a C. G. T. não só não fazia nada como não deixava fazer aos organismos aderentes, principalmente

te à Federação da Construção Civil. Requer que os delegados da Federação expliquem quando a C. G. T. lhes entrou a marcha.

R-Jubila-se por publicamente nada se ter provado. Se a sessão fosse privada talvez transpiressem factos diversos do que se passaram.

Usa da palavra Alfredo Lopes

Alfredo Lopes, desde que foi nomeado pelo Congresso de Coimbra delegado da sua indústria, nunca verificou que o Conselho impedisse a liberdade de acção dos organismos aderentes. Se tal acontecesse seria ele dos primeiros a revoltar-se. Desafia Joaquim Cardoso a concretizar as acusações a seu respeito. É vergonha o que se tem passado em volta do Comité Confederal. Pergunta se o comité saiu fora do critério disposto no Congresso de Coimbra.

Há deficiências na organização? Há. É preciso fazer a revolução? É preciso. É necessária a ditadura do operariado? É necessária.

O que não se pode admitir é que essa ditadura seja exercida por um partido político!

(Grandes manifestações de apoio). Pergunta o que se tem feito ao fim de seis sessões. Desta verborreia só poderá nascer a divisão do proletariado.

Não pode compreender que se queira fazer a revolução sem que o proletariado esteja preparado para fazê-la. É preciso que haja uma minoria consciente para a emprender.

Não quer a revolução para o ano 3000. Pergunta se não se prepara o operariado para fazer as reclamações. Pergunta se se não tivesse preparado o operariado para as greves, ele teria saído vitorioso. Assim, é preciso preparar os trabalhadores para a revolução imediata. Termina dando vivas à organização operária e ao sindicalismo revolucionário, sendo correspondido pela assembleia.

Fala o secretário geral da C. G. T.

Usando da palavra Manuel Joaquim de Sousa, declara que precisa também tratar da sua questão pessoal. A acusação de Joaquim Cardoso obriga-o a relatar o que foi a sua ida ao Norte. Quando o Conselho determinou que fosse ao Norte, acordou que o trabalho a fazer não podia ter prazo. Nem sempre vem a público, devido à falta de certos correspondentes, que realizou esta ou aquela sessão, que falou nesta ou naquela sessão.

Recorda as greves do ano findo da construção civil, funcionalismo, correios e telegrafos, metalúrgicos.

Nessa ocasião uns militantes estavam na prisão, e dos que estavam em liberdade muitos viam-se absorvidos pelas greves das suas classes. Por este motivo apenas dois membros do Comité se encontravam à testa da Confederação: o orador e Neves Dias.

Chegou-se a certo ponto em que verificou que só esses dois membros e alguns, embora poucos, da U. S. O. de Lisboa, não podiam executar certos trabalhos vastos, que poderiam contribuir para o êxito das greves em trânsito.

Este facto levou-o a compreender que era necessária uma organização inter-sindical que insuflasse vida na organização.

Assim da Confederação partiu esse gesto para que o operariado agisse mais revolucionariamente.

Quando alguns camaradas vieram ter com ele, orador, para formar uma organização extra-sindical, logo que verificou que a nova organização viria a ter tendências políticas, recusou-se a colaborar na formação desse organismo. Isto originou que logo se criasse em volta de si uma atmosfera de antipatia.

Quem são os perturbadores da organização

Ele, como secretário geral da C. G. T., não devia colaborar com esse organismo político.

Esse ambiente até o levou a propor a alguns camaradas a sua demissão. Não podia suportar que indivíduos que não tem o passado que ele tem, o enlaçassem. Um camarada o dissuadiu. Enlaçavam-no porque ele era anarquista e pretendia manter tanto quanto possível a sua dignidade.

A comparação de puritanos anarquistas com o critério democrático de Gompers, é uma irrisão.

Acusá-lo das deficiências da organização é negar o critério revolucionário, como se ele só fosse o comité, o Conselho, e actuasse por todos os organismos do país.

Vitor Martins afirmou que ele fora fazer propaganda a várias localidades e que os organismos não mostraram mais acção. Ele não tem culpa disso, defeito da falta de militantes.

O Gompers, o Jouhaux, o Vandervelde, acusados de patifes e traidores é ele, orador, segundo o critério dos acusadores...

Perguntam os acusadores a que Internacional devemos aderir. Pergunta com que direito dois delegados de União fazem semelhante pergunta.

Com que fim se pergunta isto? Com que intuito se formula esta pergunta? Só tem direito a fazer essas perguntas os delegados ao próximo congresso.

Outra acusação: alguns camaradas não estão satisfeitos com a acção da C. G. T. As reuniões não podem ser privadas, porque era necessário que a classe operária observasse quem eram os perturbadores da organização.

«Eles não têm coragem para fazer a revolução» diz o ofício de Joaquim Cardoso e Carlos de Araújo. Mas quem há de fazer a revolução, senão as massas? (Apoios).

gum ponto para responder e responderam-lhe que não.

Joaquim Cardoso volta a repisar no que sempre tem dito

Pede para que lhe façam novamente as mesmas perguntas. Sobre um ponto da sua carta diz que era mentira a multidão de 250 que a organização repudia as leis e só deve empregar a acção directa e que afinal se andava calculando a escada dos ministérios. Mantém o critério de que a Revolução Social não se pode fazer sem ditadura. Só depois deste assunto se debaterá o ponto da comissão.

Diz que não chamou gatinhos aos Vanderveldes, Jouxhaux e outros, conforme se lê na Batalha se disse.

Declara ter afirmado que Manuel Joaquim de Sousa, querendo seguir a tática de Jouxhaux... (Não chegou a terminar a frase devido a apertes que o distraíram).

Recomendou dizendo que há muito tempo se forja a sua irradiação. (Protestos). Diz que Manuel Joaquim de Sousa, com um grupo, quiz substituí-lo na Federação da Construção Civil.

Manuel Joaquim de Sousa exige-lhe provas dessa insinuação. Joaquim Cardoso diz que não tem testemunhas. No entanto não retira as suas palavras.

Os militantes portugueses, como os Jouxhaux, não se pronunciaram se se deu aderir à Terceira Internacional. Diz que antes do Congresso deve ser essa adesão debatida.

Manuel Joaquim de Sousa esclarece que o Congresso de Coimbra resolveu que se poderia aderir à Internacional que estivesse conforme com a estrutura do sindicalismo português.

Se a Batalha luta com dificuldades — continua Cardoso — porque não se tem atendido os seus alvites. Apresentou à administração da Batalha dois alvites. Um, era solicitar o auxílio dum indivíduo que compraria o papel e o iria cedendo à medida que a Batalha fosse pagando; o outro, era utilizar-se do dinheiro da Casa dos Trabalhadores, lucrando esta porque poderia cobrar uma pequena percentagem que a beneficiaria.

A sessão prosseguia às três horas da madrugada.

CONGRESSO DA CONFEDERAÇÃO PATRONAL

Resolve elaborar uma representação ao parlamento sobre o horário de trabalho

Acaba de realizar-se em Lisboa o primeiro Congresso Extraordinário da Federação Patronal. Aprovados os estatutos e eleitos os corpos directivos da Federação, o Congresso ocupou-se do imposto ad valorem, do papel da Confederação, do horário de trabalho, da representação internacional, do Estado e da importação dos géneros alimentícios, das medidas tendentes a melhorar a situação económica do país, da liberdade de trabalho, da fiscalização do comércio de viúhos, da ordem económica, das propostas de finanças e da protecção pautal.

Dos assuntos tratados, referir-nos-emos em especial aqueles que mais podem interessar ao operariado, como classe.

Horário de trabalho

Tendo em consideração que o actual horário de trabalho não está em harmonia com as necessidades produtoras do país e tendo ainda em consideração que a sua uniformidade é um defeito de legislação pois que não se pode comparar o trabalho de um mineiro por exemplo com o trabalho de um contínuo de repartição, tenho a honra de propor o seguinte:

A Confederação Patronal Portuguesa nomeará dentro os seus membros uma comissão constituída por competentes que elaborará um projecto de lei sobre o horário de trabalho que será apresentado ao parlamento.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Liberdade de trabalho

Tendo a prática demonstrado que quanto maior for a produção de uma indústria mais barato se torna o produto e que a produção para atingir o seu maior desenvolvimento precisa de que por consequente quanto maior for o rendimento do trabalho menor é o custo da manufactura o que logicamente marca um menor preço ao produto e tendendo-se a consumir mais que o necessário e trabalhando menos que é indispensável e como, se o operário quizesse, o problema económico nacional poderia ser resolvido enormemente, proponho: que se inste junto do parlamento para que seja votada uma lei, garantindo a liberdade de trabalho a todos que, mediante o pagamento de horas extraordinárias, além das 8 quizessem ocupar a sua actividade e que todos os funcionários públicos que tivessem sido operários de artes e ofícios fossem imediatamente ilicenciados.

Aprovado por aclamação, não se pôde mais continuar a sessão.

Representação Internacional

Deverão realizar-se no próximo mês de Setembro um Congresso Patronal Internacional na cidade de Genebra ao qual concorrerão delegados das diferentes organizações patronais de diferentes países.

Considerando que nesse Congresso devem ser tratados muitos problemas de interesse geral que a todos convém conhecer bem de perto:

Considerando que a reunião dos diferentes delegados das organizações patronais dos diferentes países nesse Congresso servirá de base a um melhor conhecimento das necessidades sociais e económicas de cada país e por consequência a ser mais eficaz o auxílio que se podem prestar mutuamente tanto nas questões sociais como nas de ordem económica, tenho a honra de propor o seguinte:

A Confederação Patronal Portuguesa far-se-á representar na Conferência Patronal Internacional de Genebra o qual deve ir apto a bem tratar dos seguintes pontos:

1.º Estado da questão social em Portugal.

Etc., etc.

No Teatro de S. Bento

A sessão de hontem

O sr. Plínio Silva, às 14 horas e meia:

— É a hora de fazer a chamada...

O sr. Carlos Olavo, que acaba de entrar na sala:

— Então tu chegaste agora e já pedes que se abra a sessão?

— Cheguei agora? Quem o disse?

— Foi um continuado.

— Pois é mesmo!

— Corpe à corps, tal qual num ringue.

O sr. Carlos Olavo abra-se a tesa. O sr. Plínio Silva, saindo da sala:

— Sr. Carlos Olavo, eu vou para os Passos Perdidos.

Sem os dois ilustres parlamentares. Mas, nos Passos Perdidos, o conflito não se renovou, graças à intervenção de amigos comuns.

Ouviu-se ainda esta frase do sr. Carlos Olavo:

— Tirem-se, Tirem-se daí, se querem ver onde vai parar a cara desse tipo!

E poz-se em attitude de pugilista.

Vozes:

— Deixem-se disso!

— Não vale a pena!

— De mais a mais, se são amigos...

— Pois simos!

E os dois moços deputados reconciliaram-se.

Em consequência de um violento artigo que o director da República inseriu ontem naquele jornal, o sr. Manuel Alegre tendo encontrado no Chiado o sr. Ribeiro de Carvalho perguntou-lhe, com grande surpresa deste, para onde poderia enviar-lhe uma carta.

O sr. Ribeiro de Carvalho respondeu que se dirigia, naquele momento, para as câmaras, onde ficaria ao seu dispor. O sr. Manuel Alegre entregou mais tarde, pessoalmente num dos corredores do Parlamento, ao sr. Ribeiro de Carvalho uma carta em que lhe pedia que determinasse a hora e local onde poderia encontrar-lhe para liquidar o assunto da carta publicada na República, pois fazer-se acompanhar por uma testemunha...

Mais um duelo em perspectiva?

Na bancada do sr. António Maria da Silva travou-se uma violenta discussão a meia voz, entre este e o sr. Nunes Loureiro, ouvindo-se apenas na tribuna dos jornalistas a palavra grosseira dirigida pelo sr. António Maria da Silva que se mostrava muito irritado, ao sr. Nunes Loureiro.

Como na mesma ocasião se aproximasse do sr. António Maria da Silva o sr. Lopes Cardoso, que ia submeter à sua apreciação qualquer documento, aquele ainda muito exaltado, afirmou o papel que lhe era posto à sua frente, levando o sr. Lopes Cardoso a qualquer observação sobre a forma de delicadeza o que mais irritou o sr. António Maria da Silva, que, agarrando fortemente por um braço o sr. Lopes Cardoso, o impeliu a que se retirasse.

Toda esta scena foi rápida, passando despercebida à maioria da Câmara que continuava ouvindo o ministro dos Estrangeiros associar-se, em nome do governo, à manifestação de pesar, proposta pelo presidente, pela morte do rei da Sérvia.

Parece que o objecto da discussão entre os sr. António Maria da Silva e Nunes Loureiro, se relaciona com a nomeação da Junta Parlamentar da qual o grupo democrático, que quer estar na oposição ao governo, pretende excluir o sr. António Maria da Silva que pertence ao grupo democrático que deseja apoiar o governo.

Acaba de aparecer

A NOVELA VERMELHA

N.º 4

DOIS TIROS

por

Sobral de Campos

Ab venda nas livrarias, tabacarias e administras.

ção de A BATALHA

Leiam

A NOVELA VERMELHA

por

Classes Gráficas

O auxilio prestado aos grevistas tem sido o mais animador possível

Continua o movimento no mesmo pé os industriais irredutíveis, os operários conscientes da justiça que lhes assiste. O subsídio que ontem foi distribuído aos grevistas foi consideravelmente aumentado, merecendo a consciência das camaras empregados, que, tendo a noção clara e nítida do momento, sublevaram a acção ao apoio que pelas direcções dos sindicatos dos impressores e compositores lhes foi feito, o que, aliás, as mesmas direcções da maior sympathia.

As classes gráficas em luta manter-se-hão como até aqui, não arredando pé, se as camaras empregados continuarem a coltar-se da mesma forma animadora, como tudo leva a crer.

As camaras em luta, com tal incitamento, vencerão certamente, e se porventura tivessem tido fraqueza, e se desaparecessem com a attitude das elites que sonham cumprir o seu dever para com esta justa causa, que é de todos.

O DESPERTAR

Reapparece no próximo sábado este nosso colega na imprensa, órgão da mocidade sindicalista.

O seu reaparecimento, ao que nos informam, vai constituir uma surpresa, devido não só ao bello aspecto gráfico como também as sensíveis melhorias que nos dizem apresentar.

A proposta sobre géneros de primeira necessidade, mereceu dos congressistas uma discussão, tendo-se alguns ordenados referidos, sobretudo o delegado da Associação de Viveres a Retalho, a concórdia «dele» que lhes faz o Estado com os seus armazens reguladores.

Sociedade madrastra

Depois de 24 horas de trabalho nas obras do Estado e despedido d'um velho operário que está na miséria

Vergado ao péso duma longa vida de trabalho, encanecido, alquebrado, veio ontem à nossa redacção um operário que, depois de ter trabalhado 24 horas nas obras do Estado, recebeu como prémio do seu esforço — o despedimento, sem justificação, vilzeja que em frases repassadas de amargura e revolta o ouvimos exprobar.

Não surpreende já o facto — vulgaríssimo nesta sociedade madrastra, em que os trabalhadores são considerados apenas como máquinas que se atiram para a sucata quando as suas peças, deterioradas pela acção do tempo e por um labor prolongado e violento, não podem já ser consertadas.

Vive, como é de supor, na miséria, o velho operário, pelo que uma comissão de quatro camaradas, de que faz parte Teodoro Martins, se propõe realizar em breve uma festa de solidariedade em seu favor, que por certo há de ter o êxito desejado.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

Comissão Paroquial Socialista da Penha de França — Retinha esta comissão que, conhecendo de um officio do Conselho Executiva de Federação tratando de vários assuntos de interesse patrimonial.

ULTIMAS NOTÍCIAS

Os detractores da organização operária

A C. G. T. sai ilibada das acusações contra ela feitas pelos ex-delegados da U. S. O. de Evora

A's quatro horas e meia da manhã, o Conselho Confederal, constatando que os ex-delegados da U. S. O. de Evora a C. G. T., Joaquim Cardoso e Carlos de Araújo, não concretizaram as acusações que fizeram à organização operária e aos seus militantes, resolveu irradiá-los da Confederação Geral do Trabalho.

VIDA POLITICA

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

Reclames

medo que lhes escamaghem o seu passatempo como eles dizem.

Contra este estado de coisas — que é até um manifesto de respeito à lei — protesta-se energicamente, chamando a atenção do chefe do distrito para o facto de o administrador do concelho — que, como autoridade e legislador, portanto, não devia consentir as infracções à lei — permitir que a cidade fosse exercida tam vil industria.

Da U. S. O. chamamos também a atenção para que evite os seus alvites e o sentido de conseguir que a jogatina acabe, evitando assim que os operários menos conscientes não deixem o magro produto do seu suor, que representa por vezes o pão de seus filhos.

BREVEMENTE!

Será posto à venda

A Crise do Socialismo

por Hamon

Edição de A BATALHA

Nicolau Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes generosíssimos, estambres, casimiras e alpaca a preços sem contêncencia. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, para senhores e casacos, um grande sortido de kakis

AVIAMENTOS — PARA ALFATIES

Oficial de ferrador

Precisa-se que saiba forjar. Largo do Aço dos 3 (Cascas), Francisco de Santana.

DOENTES, ATENÇÃO!

A muitas pessoas causa estranheza que a aura que acompanhava triunfalmente o 606-6 ou 914 por ocasião da sua descoberta e da sua ruidosa aparição, tenha ido diminuindo a pouco e pouco e cada vez mais numerosas sejam as pessoas desiludidas dos dois violentíssimos preparados. Ao mesmo tempo que este esfrimento substitui os entusiasmos da primeira hora, é notável ver a confiança serena com que os sifilíticos vem buscar ao Depurativo de força dupla de Luis Dias Amado, o alívio seguro e a cura garantida que só encontram neste maravilhoso específico.

Tal facto, que ao observador desprevenido, tem, no entanto, uma explicação fácil, porque reponha numa causa natural.

Effectivamente, ao passo que os dois compostos de arsénio, maravilhosos químicos, realizados pelo sábio Ehrlich matam o microbio da sifilia, deixando, no entanto, no organismo do doente os cadáveres do terrível Treponema Pallidum, o Depurativo, prodígio tirado do laboratório da botânica, opera de uma maneira, digamos mais humana, por isso que não só mata o «Treponema» mas, seguramente como os primeiros, e é essa a sua inconfundível superioridade, limpa o sangue, purifica o organismo totalmente dos microscópicos inimigos que, mesmo mortos, causam geralmente as graves desordens, que com pavorosa frequência sobreveem as rápidas melhoras obtidas por qualquer dos «Salvarsans».

Eis, revelada a todos, a determinação do sucesso inabalável do único alívio da humanidade sofredora, o bálsamo celeste que é o

Depurativo força dupla

de Luis Dias Amado

Que se vende unicamente na Farmácia Ultramarina — Rua de S. Paulo, 99-101.

Preço: 1 Frasco, 3\$00; 6 Frascos, 17\$00

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Horários dos comboios

2.º Aditamento ao cartaz horário D 133

Rápidos entre Lisboa e Pôrto

De 25 do corrente a 6 de Setembro próximo futuro, circularão entre Lisboa e Pôrto, além dos comboios do horário em vigor, mais os seguintes rápidos:

Desde 25 de Agosto até 5 de Setembro: Lisboa-Rosário, partida, 17.30; Santarém, partida, 18.45; Entremontes, chegada, 19.00; Pôrto, partida, 22.45; Vila Nova de Gaia, chegada, 23.05; Alfargues, chegada, 23.45, partida, 23.55; Coimbra B, chegada, 24.05; Coimbra A, chegada, 24.15; Pôrto-Campanha, chegada, 24.25; Mogofores, chegada, 24.35; Aveiro, chegada, 24.45; Espinho, chegada, 24.55; Pôrto-Campanha, chegada, 25.05; Pôrto, chegada, 25.15; Comboio n.º 92 Rápido, partida, 25.25; Vila Nova de Gaia, partida, 25.35; Alfargues, chegada, 25.45; Coimbra B, chegada, 25.55; Coimbra A, chegada, 26.05; Pôrto-Campanha, chegada, 26.15; Pôrto, chegada, 26.25; Alfargues, chegada, 26.35; Aveiro, chegada, 26.45; Espinho, chegada, 26.55; Pôrto-Campanha, chegada, 27.05; Pôrto, chegada, 27.15; Comboio n.º 93 Rápido, partida, 27.25; Vila Nova de Gaia, partida, 27.35; Alfargues, chegada, 27.45; Coimbra B, chegada, 27.55; Coimbra A, chegada, 28.05; Pôrto-Campanha, chegada, 28.15; Pôrto, chegada, 28.25; Alfargues, chegada, 28.35; Aveiro, chegada, 28.45; Espinho, chegada, 28.55; Pôrto-Campanha, chegada, 29.05; Pôrto, chegada, 29.15; Comboio n.º 94 Rápido, partida, 29.25; Vila Nova de Gaia, partida, 29.35; Alfargues, chegada, 29.45; Coimbra B, chegada, 29.55; Coimbra A, chegada, 30.05; Pôrto-Campanha, chegada, 30.15; Pôrto, chegada, 30.25; Alfargues, chegada, 30.35; Aveiro, chegada, 30.45; Espinho, chegada, 30.55; Pôrto-Campanha, chegada, 31.05; Pôrto, chegada, 31.15; Comboio n.º 95 Rápido, partida, 31.25; Vila Nova de Gaia, partida, 31.35; Alfargues, chegada, 31.45; Coimbra B, chegada, 31.55; Coimbra A, chegada, 32.05; Pôrto-Campanha, chegada, 32.15; Pôrto, chegada, 32.25; Alfargues, chegada, 32.35; Aveiro, chegada, 32.45; Espinho, chegada, 32.55; Pôrto-Campanha, chegada, 33.05; Pôrto, chegada, 33.15;